



4

APRENDIZAGEM ATIVA

A escola é um dos lugares onde as crianças adquirem habilidades básicas e conhecimentos sobre o mundo, onde são 'socializadas' e onde se tornam conscientes das expectativas futuras que a sociedade tem com relação a seu desempenho como cidadãos. Muitas vezes, a realização desses objetivos envolveu a obrigação de obediência cega e condescendência. Porém, cada vez mais as escolas passam a ser locais para um outro tipo de socialização, onde se permite que as crianças pensem de maneira crítica, onde podem aprender sobre seus direitos e responsabilidades, e onde se preparam ativamente para desempenhar seu papel como cidadãos.

Crianças apoiando a educação de meninas

Organizações de desenvolvimento de todos as proporções há muito concordaram sobre as vantagens em termos de relação custo-benefício dos investimentos na educação de meninas, e sobre a necessidade urgente de promover essa educação, especialmente nos países africanos ao sul do Saara e na Ásia Meridional, onde mais de 50 milhões de meninas em idade escolar estão fora da escola.²⁵

Entretanto, quando foi lançado em Uganda, em agosto de 2001, o Movimento de Educação de Meninas (MEM) mostrou ser diferente dos esforços anteriores, uma vez que as próprias

crianças e os adolescentes africanos – meninos e meninas – assumiram a liderança, contando com a experiência e o conselho dos adultos quando necessário, e envolvendo-se no movimento com sua própria dedicação e seu otimismo.

A própria participação das crianças foi educativa: as jovens quenianas e ugandenses que participaram do MEM desde seu início, inclusive algumas portadoras de deficiências, foram treinadas em métodos de facilitação criativos. Isso permitiu que realizassem oficinas semelhantes na África do Sul e em Zâmbia para difundir as informações na comunicação apresentada no Parlamento de Crianças e Jovens em Kampala. "Essa conferência foi um divisor de águas para muitas jovens que no início não podiam dizer nada," disse Caroline, uma estudante ugandense voluntária.

"Nós desenvolvemos assertividade e confiança, e começamos a pensar positivamente sobre nossas capacidades."²⁶

O MEM não é o único caso em que meninos são recrutados para a causa da educação de meninas. Na província de Baluchistan, no Paquistão, onde as taxas de alfabetização de mulheres é 2%, o escritório local do UNICEF já trabalhou com escoteiros, um movimento altamente motivado, em campanhas de iodatação do sal e de imunização contra a pólio. Mas, em 2000, a ampliação deste trabalho para a promoção da educação primária para meninas deu o primeiro passo em

Uma menina fazendo exercícios em uma aula de dança em Kurgan, na Federação Russa, chamou a atenção do fotógrafo Michail Garmasch, de 16 anos.

Federação Russa/ "Imagine – suas fotos abrirão meus olhos" / GTZ/2002

um novo caminho: naquela região, meninos nunca haviam participado da promoção dos direitos das meninas. O projeto foi denominado "Irmãos Juntam-se a Meena", numa referência a Meena, a menininha, personagem bastante conhecido de um desenho animado criado pelo UNICEF.

Com a presença de Jehanzeb Khan, de 12 anos de idade, que participou da Sessão Especial sobre a Criança na Assembléia Geral das Nações Unidas como porta-voz do projeto, os escoteiros foram de porta em porta verificando a frequência das meninas na escola e, quando necessário, tentando convencer os pais a matricular suas filhas. Para compensar o impacto controverso do assunto, os escoteiros falavam também sobre outras questões importantes, como imunização e construção de latrinas. Nos vilarejos onde não havia escolas primárias para meninas, os escoteiros convenciam as escolas dos meninos a aceitar meninas; nos casos em que os longos percursos até a escola ofereciam perigo, os escoteiros ofereciam-se para acompanhar as meninas.

Os resultados do primeiro ano foram encorajadores: cada uma das escolas incluídas no programa matriculou de 10 a 15 novas alunas, chegando a cerca de 2.500 no total. No vilarejo de Killi Abdul Rasaq, onde os escoteiros tinham uma atuação particularmente forte, os resultados foram ainda melhores: 80 novas alunas entraram na escola. "Costumávamos dizer que educar meninas é como regar as plantas do vizinho," admite Abdul Malam, o malik do vilarejo, ou líder tribal.

*"Nós temos direito à natureza"
por Tohfa Mohammed Al-Wardy,
de nove anos de idade,
Escola Particular Tahjeez Al-Elmi.*

"Crianças de Omã desenham seus direitos"/UNICEF Omã e Ministério de Assuntos Sociais, Treinamento Vocacional e para o Trabalho, Omã.

"Mas os escoteiros nos fizeram mudar de idéia. Agora queremos que nossas filhas sejam professoras, médicas ou qualquer outra coisa."²⁷

Escolas e ideais democráticos

Embora sejam promovidas e implementadas cada vez mais em algumas regiões e em alguns países do mundo, escolas genuinamente amigas da criança ainda são relativamente raras. O UNICEF continua sua campanha em favor de métodos de sala de aula que maximizem a participação da criança, que estimulem a aprendizagem ativa em lugar da apreensão passiva de fatos e de conhecimentos já elaborados. Os fatos indicam que uma experiência de aprendizagem centrada na criança, fundada na vida e no ambiente da comunidade estimulará também a matrícula e a permanência das meninas na escola.



As escolas "Escuela Nueva" na América Latina, por exemplo, estão baseadas em grupo multietários, nos quais os direitos das crianças e o envolvimento democrático são condições da maior importância. Um estudo recente realizado em 25 escolas em duas das áreas mais violentas da Colômbia sustenta a tese de que cooperação, coexistência e solução pacífica de conflitos são atitudes que podem ser ensinadas. Por meio de entrevistas com pais, formandos, professores e diretores de escolas, o estudo revelou que as 15 escolas que utilizavam a metodologia "escuela nueva" tinham um impacto direto e significativo na participação e no comportamento democrático de seus alunos dentro da comunidade e sobre o comportamento dos pais como eleitores. E mais, o estudo identificou o apoio de organizações locais e da sociedade civil como um dos fatores de sucesso do modelo, no qual um movimento voluntário desempenhava importante papel de liderança. O estudo concluiu que a estrutura do modelo da "Escuela Nueva" vem evoluindo continuamente, devido à criatividade dos professores, a governos estudantis, aos pais e a comunidades que compreendem o potencial de mudança.²⁸

O modelo original da "Escuela Nueva" nas áreas rurais da Colômbia teve tanto sucesso e foi tão aplaudido internacionalmente que já vem sendo adotado em outros países da América Latina, como Honduras. A Guatemala também adotou o modelo, e o novo programa escolar – Nueva Escuela Unitária Bilingüe Intercultural – envolveu 210 escolas e 23 mil estudantes no ano 2000, apenas sete anos após ter começado com apenas 12 escolas.

Na Guatemala, um dos fundamentos da abordagem é a garantia dos direitos da comunidade indígena Mayan, que, embora constituindo 50% da população, sofre significativa discriminação e marginalização. O método de ensino e aprendizagem é participativo, utilizando plenamente a linguagem e a cultura Mayan. Brincadeiras e estudo são combinados de maneira criativa em 'cantos de apren-

dizagem', e cada escola tem um governo estudantil eleito, responsável por atividades culturais, de disciplina e de aprendizagem. Governos estudantis foram responsáveis pela pintura dos prédios e das carteiras escolares, pela pintura dos muros que cercam as escolas e até mesmo pela distribuição de rações em épocas de escassez de alimentos. O envolvimento dos pais e da comunidade é considerado vital.

O sucesso das novas escolas pode ser medido, em parte, por uma taxa de frequência e conclusão de 93%, superior à média nacional, e ainda pela alta taxa de matrícula de meninas, que atualmente supera a dos meninos. Essas escolas também fazem uma contribuição significativa para a promoção de uma cultura de paz e democracia em um país profundamente marcado por décadas de conflito civil. O Governo reconheceu a importância das novas escolas e planeja ampliar o programa para outras duas mil escolas e 120 mil estudantes.²⁹

Introduzida na Guiana em 1998, a abordagem da "Escuela Nueva" já está produzindo impacto significativo, especialmente graças à operação de governos estudantis em escolas distantes. Cada governo estudantil elegeu agentes e comitês responsáveis por disciplina, saúde e saneamento, pela biblioteca e pelo jardim. Diariamente, as crianças ajudam durante assembleias, limpam o pátio da escola, organizam atividades de arrecadação de fundos e convidam palestrantes externos. Um levantamento recente feito pelo UNICEF indicou que as crianças gostam do nível de participação e responsabilidade que os governos estudantis lhes permitem – assim como das habilidades que desenvolvem em liderança, para manifestações em público e em organização.³⁰

Aprendendo por meio dos esportes

Evidentemente, as escolas não são a única arena onde a criança pode aprender os valores de paz e democracia. Igualmente importantes para a criança,

para o desenvolvimento e para a paz são as atividades recreativas e de brincadeiras, que são direito da criança e que têm enorme potencial para melhorar sua vida. Programas de esportes organizados vêm assumindo maior importância no trabalho de organizações internacionais, de membros do movimento global pela criança e de ONGs locais – e em programas que atingem tanto meninas como meninos, e tanto crianças portadoras de deficiências quanto as demais (*ver Destaque 4, "Meninas são grandes vencedoras!", pág. 32*).

O valor dos esportes para o desenvolvimento físico e mental de uma criança é reconhecido há muito tempo. E muito já se escreveu sobre os valores e as habilidades sociais que são aprendidos pelo envolvimento em equipes esportivas, como, por exemplo, resolução de conflitos, colaboração, compreensão com relação ao oponente e como ganhar e perder mantendo o respeito pelos outros.

O esporte dá aos jovens seu próprio espaço, tanto física quanto emocionalmente. Isto é especialmente importante para as meninas, que frequentemente têm menos oportunidades do que os meninos para interações sociais fora do ambiente doméstico e das redes familiares. Em muitos países, os espaços públicos considerados os únicos locais adequados para meninas e mulheres – por exemplo, mercados e clínicas de saúde – são aqueles relacionados com seu papel doméstico como donas-de-casa e mães. Em contraste, à medida que as meninas começam a participar em esportes e como atletas femininas, conquistam o reconhecimento público, conseguem a adesão de novas comunidades e acesso a novos locais, encontram preceptores para si mesmas e atuam como preceptoras para outras pessoas, e passam a participar mais abertamente da vida da comunidade. E mais, quando o domínio masculino tradicional se abre e permite que meninas e jovens mulheres participem, rompem-se os estereótipos de meninas e mulheres como figuras ornamentais ou pessoas mais fracas do que os meninos – tanto física quanto emocionalmente.

Existe hoje uma percepção crescente de que os esportes têm o potencial de contribuir para que sejam atingidas as Metas de Desenvolvimento do Milênio, e Kofi A. Annan, Secretário-Geral da ONU, nomeou uma força-tarefa sobre Esportes para Desenvolvimento, Saúde e Paz, encarregada de desenvolver recomendações para a utilização do esporte como instrumento de desenvolvimento.

"Vimos exemplos de como o esporte pode construir auto-estima, habilidades de liderança, espírito comunitário e pontes entre divergências étnicas ou comunidades", afirmou o Secretário-Geral em um fórum de Ajuda Olímpica. "Vimos como ele pode canalizar energias, afastando-as da agressão ou da autodestruição, e direcionado-as para a aprendizagem e a automotivação."³¹

Os esportes são frequentemente utilizados para envolver uma comunidade em um projeto comum. Durante a crise de Kosovo, em 1999, por exemplo, os jovens deram contribuições importantes para a reconstrução social e para a construção da paz por meio do esporte. Em seis campos de refugiados perto de Kukes, na Albânia, foram constituídos Conselhos de Jovens Kosovares, envolvendo 20 mil jovens entre 15 e 25 anos de idade. Com o apoio do UNICEF e dos Clubes de Jovens Albaneses, membros do conselho organizaram torneios esportivos e concertos, e assumiram papel ativo, percorrendo os campos e mantendo-os limpos e seguros. Ajudaram a integrar famílias recém-chegadas e organizaram campanhas de levantamento de recursos para os membros mais pobres da comunidade do campo. Os membros ajudaram as agências das Nações Unidas e as ONGs na distribuição de informações de alerta contra minas e materiais sobre recreação organizada, além de orientação para as crianças mais novas. A experiência de organizar o Conselho e participar dele produziu novas lideranças e habilidades de solução de problemas, e muitos dos membros voltaram para Kosovo para ajudar a reconstruir suas comunidades.³²

"Nós desenvolvemos assertividade e confiança, e começamos a pensar positivamente sobre nossas capacidades."

Caroline, voluntária no MEM de Uganda
Parlamento Popular da Criança e do Jovem
Kampala